

“O Ano Internacional da Mulher: Brasileiras se Encontram para Falar de seus Problemas”

BRANCA MOREIRA ALVES

Faculdades Cândido Mendes — Rio

Até há alguns anos atrás, não existia o “problema da mulher”. Alcançado o sufrágio feminino, não se pensou mais nesse assunto, continuando cada sexo a cumprir seu papel específico, numa divisão de funções aparentemente natural. O tema “mulher” como objeto de estudo surgia ou em apêndice ao do “homem” em sua generalidade (a “humanidade”), ou como um dado estático e inquestionável de uma realidade acriticamente aceita. É assim a mulher de Freud, insatisfeita com sua condição de ser castrado, mas a quem é oferecido como solução nada além de um conformismo a um destino imutável. Em toda essa longa ausência, surge uma (e brilhante) exceção, que entretanto custou a encontrar eco: o livro, publicado em 1948, “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir. Livro importantíssimo, porque focaliza a mulher em sua especificidade, mostrando-a fruto de uma cultura que a molda para preencher os padrões ditos “naturais” de funcionamento na divisão de papéis sociais.

Depois do marasmo sufocante dos anos da "Guerra Fria", a década de 1960-70 foi como uma explosão, quando as contradições que negavam o mundo "ideal" do capitalismo vieram à tona. O movimento de libertação da mulher, surgido nos EUA paralelamente aos movimentos dos negros e dos estudantes, espalhou-se com grande rapidez para outros países, crescendo principalmente nos países industrializados, onde os meios de comunicação mais desenvolvidos e a facilidade de mobilização política e de formação de grupos de pressão facilitaram sua penetração.

No Brasil e na América Latina em geral começa agora a surgir o interesse pelo estudo da mulher, e pela formação de grupos de reflexão femininos. Este é o começo de um longo caminho, porém o primeiro passo para a superação dos preconceitos é se falar deles; e o primeiro passo para suprimir a opressão é compreendê-la, buscando desvendar os mecanismos de seu funcionamento.

O Ano Internacional da Mulher instituído pela ONU, apesar do que se possa dizer contra (seria a "oficialização" do problema da mulher um progresso?...), teve ao menos o mérito de chamar atenção para o problema, e de abrir oportunidades para a sua discussão. Se bem que ainda neste ponto a bênção seja dúbia, haja visto o tratamento dado pela imprensa ao tema, quase sempre ridicularizante e hostil.

A imprensa brasileira talvez pudesse ganhar um hipotético concurso de "chauvinismo", não fôssemos nós herdeiros da tradição machista da cultura latina... E foi justamente por sua indignação e cansaço com o tratamento tradicionalmente dispensado com relação a tudo que diga respeito ao movimento feminista, que um grupo de dez mulheres resolveu enfrentar suas inibições (aliás, culturalmente criadas, conforme as palestras demonstraram...) e promover uma semana de debates sobre a mulher. O objetivo era que se enfocasse com seriedade, como só raramente se faz, o problema da desvalorização da mulher em nossa cultura.

Foi assim que, na semana de 30-6 a 6-7, sob o patrocínio da ONU e da ABI, mulheres e homens debateram os vários aspectos que revelam a situação de inferioridade da mulher em nossa sociedade. Foram palestras de advogados, sociólogos, psicanalistas, médicos, escritores, cobrindo problemas relativos às leis, à força de trabalho, à estrutura psíquica e física, à educação, à cultura. Ao final da semana tinha-se uma visão clara da complexidade de que se reveste a desvalorização da mulher. Mostrou-se sua dependência perante a lei: por ex., no novo Código Civil ora em tramitação no Congresso, em caso de dissidência entre o casal, deve prevalecer a palavra do marido, competindo à mulher recorrer ao juiz; por outro lado, as leis trabalhistas muitas vezes pre-

judicam à mulher, impedindo-a de fazer certos trabalhos e de cumprir determinados horários. Diz a Juíza Ana Acker: "Em vez de se proibir à mulher o trabalho em locais insalubres, dever-se-ia dar a todos, homens e mulheres, condições de salubridade". Analisou-se os fundamentos econômicos que operam no sentido de limitar o acesso das mulheres ao mercado de trabalho: a socióloga Eva Blay comenta que os preconceitos que prendem a mulher ao lar escondem na verdade a inelasticidade do mercado: "As mulheres são refreadas de concorrerem..., e são socializadas segundo modelos remanescentes de sociedades de tipo patriarcal". A abordagem psicanalítica mostrou como a cultura atua no sentido de desenvolver padrões de comportamento segundo estereótipos "masculinos" e "femininos", como os que identificam as qualidades de ação e criatividade com o homem, as de passividade e submissão com a mulher. O homem deve ser agressivo, forte, seguro de si; e a mulher terna, fraca, dependente. O comportamento dito "natural" nada mais é que um comportamento culturalmente condicionado. Analisou-se como tais condicionamentos são transmitidos através da escola, da família, dos meios de comunicação, sendo a mulher a principal perpetuadora de sua própria inferioridade, pois em seu papel de mãe e educadora, passa acriticamente às gerações futuras os mesmos valores de domínio e sujeição.

Entretanto, o que essa semana trouxe de mais produtivo com relação ao movimento feminista, foi a oportunidade que as mulheres presentes tiveram de se encontrarem e discutirem seus problemas e suas ansiedades. Durante 4 dias houve reuniões extras, duas horas antes de começarem as conferências, sendo que no domingo (último dia) a reunião começou cinco horas antes da conferência de encerramento, para elaboração das conclusões da semana. O documento foi redigido em grupo, sofrendo três redações, submetidas à aprovação da Assembléia, que chegou a contar com cerca de 80 participantes. Foi um processo emocionante e enriquecedor, num clima de debates livre, em que todas participavam espontaneamente, sem lideranças e hierarquias. O documento final sofreu as conseqüências desta redação comunitária e da pressão do tempo (foi votado pela última vez dez minutos depois da hora marcada para começar a sessão do encerramento), não tendo a unidade de estilo e o burilamento de algo escrito com calma. Mas traduz o pensamento das mulheres que por 4 dias se encontraram, se conheceram, se solidarizaram e se propuseram a atuar em conjunto para a superação da inferioridade feminina. O texto completo foi publicado na Trib. da Imprensa do dia 14-julho-1975, e no Jornal Crítica, de 4-10 agosto. Aqui darei apenas, por falta de espaço, o parágrafo final das conclusões e as propostas:

CONCLUSÕES

“Diante deste quadro nós, mulheres brasileiras, concluímos que:

1. A luta pela libertação da mulher não deve ser desvinculada da luta pela libertação do ser humano em geral.
2. O primeiro passo será a tomada de consciência pela mulher de sua posição dentro da realidade sócio-econômica em que vive, havendo para isso necessidade de um amplo trabalho de reeducação.
3. Para tanto, é necessário que as mulheres se organizem e possam manifestar livremente seu pensamento, numa ampla frente para discutir, reivindicar e se lançar num programa de ações concretas.
4. Esse programa de ações concretas pressupõe como tarefa mínima a formação de grupos para discussão, estudo e encaminhamento de problemas concretos.

Neste Ano Internacional da Mulher aderimos a, todos aqueles que no mundo inteiro lutam contra as formas de opressão e discriminação.

PROPOSTAS

1. Propomos a criação de um Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira que obedecerá à seguinte estrutura:

- a) Um centro de estudo, reflexão, pesquisa e análise;
- b) Um departamento de ação comunitária para tratar concretamente e a nível local dos problemas da mulher.

O objetivo principal do Centro será combater a alienação da mulher em todas as camadas sociais para que ela possa exercer o seu papel insubstituível, e até agora não assumido, no processo de desenvolvimento.

A nossa primeira etapa de ação será aquisição de uma sede, personalidade jurídica, estatutos, e o apoio ativo do maior número possível de mulheres, a quem pedimos filiação.

2. Decidimos pela criação de um jornal, que terá como objetivo a veiculação e divulgação dos problemas reais da mulher, no sentido de criar uma consciência nacional de sua condição.”

Além dessas ocasiões de contato, a semana proporcionou a alguns grupos a rara oportunidade de se fazerem ouvir. Um grupo de mulheres negras fez um depoimento em que denunciavam sua dupla

condição de oprimidas: por raça e por sexo. Cito do texto: "A primeira como negra (ou... será que estamos num país cuja "democracia racial" é realidade?) e a segunda como mulher (discriminação sexual arraigada na sociedade, fruto de um sistema patriarcal e portanto de dominação masculina manifesta através da economia, da política, da cultura, e, a todo momento, desrespeitosamente, nos sorrisos, nas agressões ou nas manifestações paternalistas ou irônicas). Grupos paulistas de ação comunitária (Pastoral Operária e Carta de São Paulo) descreveram suas atividades no sentido de melhorarem as condições de vida nos bairros da periferia de São Paulo: levar às autoridades os problemas das comunidades, tal como a falta de escolas, transportes, condições sanitárias etc...

A semana concluiu-se com a "legitimação" do movimento por um dos "gurus" da intelectualidade brasileira, fato que vem comprovar o que as próprias organizadoras reconheceram ser a fraqueza do feminismo no Brasil: sua necessidade de um porta-voz masculino para se fazer levar a sério... O porta-voz, aliás consciente desse papel, foi Celso Furtado, que considerou o movimento feminista a "dimensão mais importante dos grandes movimentos sociais do fim deste século". "... parte do esforço de nossa cultura para avançar para mais longe".

Para as mulheres que, a partir desta semana da ONU—ABI, começaram a se reunir com o objetivo de criar algo de concreto, a celebração do "Ano da Mulher" significou o começo do movimento feminista no Brasil. Formamos o Centro da Mulher Brasileira para promovermos estudos, pesquisas, debates, sobre a condição da mulher em geral, e da brasileira em particular. Acreditamos que a partir de um melhor conhecimento de nossa situação, será possível atuar no sentido de superar e eliminar as causas da desvalorização da mulher. Os objetivos são ambiciosos, e estamos cada vez mais conscientes, à medida em que aprofundamos nosso estudo, das dificuldades em alcançá-los. Mas sabemos que é preciso começar. Não pretendemos ser mais do que um começo.